

# A Literatura — o mal — e a infância\*

Ana Maria Clark Peres\*\*

**RESUMO:** A partir de uma interlocução com a Psicanálise, este ensaio busca refletir sobre a questão do mal na Literatura, mais exatamente, sobre suas manifestações em textos de Bataille, Lautréamont e Sade, procurando compreender esse “mal” como a atualização do *infantil* na cena da escrita.

*A literatura é o essencial ou não é nada. O Mal — uma forma penetrante do Mal — de que ela é a expressão tem para nós, creio eu, o valor soberano. (...) A literatura não é inocente e, culpada, ela deveria se confessar como tal. Só a ação tem seus direitos. A literatura, eu o quis lentamente demonstrar, é a infância enfim reencontrada.*

Georges Bataille

No desejo de refletir sobre o mal na literatura, mais especificamente, sobre algumas de suas manifestações na escrita de Bataille, Lautréamont e Sade, opto por repensar a própria noção de “mal”, iniciando minhas reflexões com a seguinte indagação: seria este *mal* encenado pela literatura um traço surgido na idade adulta de determinados escritores? Ou, em outros termos: consistiria ele num atributo exclusivo de sujeitos “corrompidos” e “pervertidos” que, tendo

---

\* Recebido para publicação em julho de 1996.

\*\* Professora Adjunta do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFMG. Mestre em Língua Portuguesa, Doutora em Literatura Comparada. Linha de pesquisa: Literatura e Psicanálise.

perdido a pureza e a inocência de sua mais tenra infância, utilizam a escrita literária para dar vazão a seus instintos brutais, nascidos das asperezas da vida adulta?

Uma abordagem de alguns tópicos da teoria psicanalítica, de Freud a Lacan, contribuirá, creio eu, para o aprofundamento dessas e de outras questões.

## A CRIANÇA PERVERSO-POLIMORFA — UMA CONTRIBUIÇÃO DE FREUD À QUESTÃO DO MAL NA INFÂNCIA

Se os séculos XVIII e XIX se lançam, incansáveis, na busca da inocência e pureza infantis, valorizando a criança por considerarem-na mais próxima da natureza virginal,<sup>1</sup> o início do século XX apresenta a questão sob um ângulo radicalmente distinto. E é Freud quem vem trazer a mais rica e decisiva contribuição ao assunto, ao divulgar, para escândalo de seus contemporâneos, suas pesquisas sobre a sexualidade infantil.

Considerando que inocência e pureza sempre estiveram associadas a assexualidade, é este, sem dúvida, o primeiro ponto a se destacar: contrariamente ao senso comum de sua época, o criador da psicanálise traz a público nesse momento sua principal descoberta — a sexualidade não nasce na adolescência, apenas é reavivada em tal período.

Em 1905, assim é introduzida a discussão:

*Faz parte da concepção popular da pulsão sexual acreditar que essa última está ausente na infância, só despertando no decorrer do período da vida designado pelo termo de puberdade. Entretanto, este não é um simples erro, mas um erro carregado de conseqüências, pois é a ele principalmente que nós devemos nossa ignorância atual das condições fundamentais da vida sexual.<sup>2</sup>*

Dois anos mais tarde, o tema é aprofundado:

*O recém-nascido, na verdade, já vem ao mundo com a sexualidade; algumas sensações sexuais acompanham seu desenvolvimento de lactente e de*

---

1 No dizer de Rousseau, "tudo o que sai das mãos do criador das coisas é bom, e tudo se perde nas mãos do homem". (Cf ROSENFELD, GUINSBURG, 1978. p.226.)

2 FREUD, 1987a. p. 93. (Tradução minha.)

*pequeno infante, e muito poucas crianças poderiam se subtrair às atividades e sensações sexuais antes da puberdade.*<sup>3</sup>

Segundo Freud, as crianças são capazes de realizar nos anos anteriores à puberdade a maior parte das ações psíquicas da vida amorosa: ternura, devotamento, ciúme. A irrupção desses estados acompanha muitas vezes sensações somáticas de excitação sexual, ainda não totalmente compreendidas até esse momento.

Em 1908 e em 1909, novas informações são acrescentadas: além de vivenciar tais estados, a criança procura desde cedo entendê-los, preocupando-se com problemas sexuais bem antes da adolescência. Preocupações essas que nada mais atestam que a sua precocidade sexual e intelectual.

Mas não é só: a sexualidade se manifesta já no recém-nascido, instiga-o quando mais crescido, *mas difere, em vários aspectos, da sexualidade ulterior, considerada como "normal"*, apresentando características bem peculiares, que receberam de Freud uma atenção especial. Um ponto básico introduz esse tópico: "As moções desses anos da infância seriam perversas em si mesmas, isto é, originárias de zonas erógenas e conduzidas por pulsões que (...) só poderiam suscitar desprazer."<sup>4</sup>

É a partir dessa idéia que se pode desenvolver o tema fundamental da *perversão infantil*. Conforme explicita Freud, sob a influência da sedução (quando é entregue a si mesma ou sofre influências desmoralizantes), a criança corre o risco de tornar-se "perverso-polimorfa", sendo levada a todos os excessos imagináveis. Não é necessário, contudo, sublinhar ele, levar muito a sério tais "infantilidades" ou "divertimentos": "A criança não devendo prestar contas de seus atos nem ao tribunal dos costumes, nem ao tribunal das leis".<sup>5</sup>

Explicita-se, dessa forma, o "mal" em questão no presente estudo: a sexualidade em si e, sobretudo, a *perversão* na experiência infantil.

Um dado a mais mereceria destaque neste ponto. Como ressalta Patrick Valas, "enquanto posição subjetiva, a perversão se constitui no Édipo e tem uma relação, ainda que remota, com a castração".<sup>6</sup> O próprio Freud já destacara essa gênese relacionada à dialética edipiana, ao apontar os desejos inconscientes, contrários à moral, que experimentamos um dia: "Quando eles nos são revelados, nós preferimos desviar os olhos das cenas de nossa infância".<sup>7</sup> Des-

---

3 FREUD, 1985a p. 9. (Tradução minha.)

4 FREUD, 1987a. p. 118.

5 Ibidem, p.118.

6 VALAS, 1990. p. 72.

7 FREUD, 1987b. p. 229. (Tradução minha.)

conhecendo, pois, as barreiras que irão definir a vida sexual adulta “normal”, a criança começa a vivenciar sua sexualidade perversa através de uma escolha de objeto necessariamente incestuosa.

De que maneira afloraria essa sexualidade tão peculiar, experimentada nos primórdios de todo ser humano?

Talvez o texto mais esclarecedor a esse respeito seja o do pequeno Hans, publicado em 1909: “Nosso pequeno Hans parece verdadeiramente ser um modelo de todas as perversidades”. Freud refuta com energia, entretanto, a idéia de que o menino seja uma criança predisposta patologicamente ou “degenerada”: “Eu penso simplesmente que, não tendo sido intimidado, ele não foi atormentado por um sentimento de culpabilidade e nos informa ingenuamente seus pensamentos.”<sup>8</sup> Sua “perversão” constituiria, assim, algo “normal” na primeira infância de cada um de nós.

Mas como caracterizar essa perversidade?

Seguem-se algumas de suas mais freqüentes manifestações:

- Ato de sugar ou chupar (os lábios funcionam como zona erógena).
- Masturbação: segundo Freud, essa atividade auto-erótica, que já se manifesta na criança recém-nascida, é a mais “normal” na infância, o que não a impede de ser também causadora de um profundo sentimento de culpabilidade.
- Exibicionismo: desejo de nudez, de expor sobretudo as partes genitais.
- Voyeurismo: interesse pelas partes genitais de outras pessoas (de preferência dos companheiros de brincadeiras). Tal interesse, que aparece mais tardiamente, quando o pudor já atingiu um certo nível, é associado muitas vezes ao prazer de presenciar o outro urinando ou defecando.
- Homossexualidade: a propósito de Hans, Freud assinala que ele é homossexual, como é possível que o sejam todas as crianças, se se considera que o “jovem libertino” conhece apenas um tipo de órgão sexual — o órgão que ele próprio possui. Seu desenvolvimento ulterior não o conduz, entretanto, à homossexualidade. Vale frisar igualmente, no que diz respeito a essa homossexualidade das crianças, que a atividade auto-erótica das zonas erógenas é a mesma para os dois sexos, o que inviabiliza, na primeira infância, a possibilidade de uma diferença de sexos como a que se apresenta na puberdade.
- Desejo incestuoso em relação ao progenitor do sexo oposto e ódio pelo progenitor do mesmo sexo, considerado como rival.
- Desejo de morte do progenitor do mesmo sexo: revelado tantas vezes nos

<sup>8</sup> FREUD, 1989a. p. 10. (Tradução minha.)

sonhos dos adultos, nada mais demonstraria que o altíssimo grau do egoísmo infantil.

- Crueldades, maldades: relacionado com Édipo, o impulso cruel surge numa fase pré-genital, e as crianças que se distinguem pela sua crueldade particular revelam uma atividade sexual intensa e prematura, proveniente das zonas erógenas. Em geral, a capacidade de se compadecer da dor alheia se forma relativamente tarde na infância.
- Mentiras: dizendo respeito ao amor incestuoso da criança pelo progenitor do sexo oposto, ligam-se a motivos fortíssimos da alma infantil.
- Lutas violentas: constituindo-se numa das raízes da pulsão sádica, a atividade muscular favoriza a excitação sexual.
- Teoria da concepção sádica do coito: ao presenciarem o coito parental, em que a parte mais forte se impõe à mais fraca, as crianças, sobretudo os meninos, o comparam a uma luta, como as que empreendem em suas relações com outras crianças, a qual traz igualmente um suplemento de excitação sexual. Ao ouvirem os “sons do amor”, elas estabeleceriam, pois, uma ligação entre o gozo e o sofrimento, entre o amor e a guerra, interpretando o ato amoroso como um ato de violência.

Além dessa teoria, no que concerne à dúvida “o que é estar casado?”, a concepção infantil mais comum é a de que um urina diante do outro — ou mostra seu traseiro para o outro, sem vergonha. Tais opiniões sobre a natureza do casamento se expressam muito comumente através de brincadeiras (jogos), sendo as mais importantes as de “médico” e as de “papai e mamãe”.

Quanto a este ponto, seria possível, aliás, uma generalização. Não somente as teorias se manifestam através de brincadeiras, mas a própria sexualidade (perversa) da criança é vivenciada sob a forma dos mais diversos jogos e encenações: “[Ela] imita em seus jogos o que aprendeu da vida dos grandes”.<sup>9</sup> E nessa constante encenação, os animais desempenham um papel relevante, possibilitando às crianças a representação de seus variados afetos, além de ajudá-las em suas elucubrações intelectuais. (A teoria cloacal e a concepção de que ovos participam do processo de fecundação ilustram com clareza tal idéia: “O homem dá à mulher um ovo que ela choca em seu corpo”.<sup>10</sup>)

Tendo em vista essas características da sexualidade infantil, poderíamos opor radicalmente “perversão” a “normalidade”?

---

<sup>9</sup> FREUD, 1985b, p. 37.

<sup>10</sup> FREUD, 1985c, p. 24. (Tradução minha.)

O próprio Freud se encarrega de aprofundar o assunto em sucessivas etapas de suas investigações.

Em “As aberrações sexuais”, por exemplo, já sublinha que a predisposição às perversões não é algo excepcional, mas faz parte da constituição normal da criança, que teria, dessa forma, “tendências” perversas, que se manifestariam sob a forma de *traços*. E essa predisposição a todas as perversões seria justamente um traço universalmente humano, já que é a partir dele que o comportamento humano sexual “normal” se desenvolve, sob o efeito de modificações orgânicas e de inibições psíquicas. A sexualidade perversa da criança constituiria, assim, a matriz original da sexualidade adulta, “normal” ou não.

O conceito mesmo de “normalidade” também é problematizado por Freud, em “Fragmentos de uma análise de histeria (Dora)”:

É necessário saber falar sem indignação do que chamamos de perversão sexual relativamente às regiões corporais e ao objeto sexual. A falta de limites determinados onde encerrar a vida sexual dita normal, segundo as raças e as épocas, deveria bastar para acalmar os mais zelosos.<sup>11</sup>

Cada um de nós ultrapassa em sua própria vida sexual, prossegue ele, as fronteiras estreitas do que é “normal”: “As perversões não são nem bestialidades, nem degenerescências, na acepção patética do termo. Elas se devem ao desenvolvimento de germens que estão contidos na predisposição sexual não diferenciada da infância.”<sup>12</sup>

Nessa perspectiva, entende que não passa de um absurdo o emprego reprovador do termo “perversão”. Se na vida adulta se manifestam em maior grau traços perversos, o que se deu foi uma fixação das tendências infantis, ou uma regressão a essas últimas, em razão da obstrução de outros canais da corrente sexual. Os neuróticos, acrescenta, são todos seres com tendências perversas fortemente desenvolvidas, mas recalçadas e tornadas inconscientes no curso de sua evolução. Suas fantasias inconscientes apresentam, conseqüentemente, o mesmo conteúdo que as ações autênticas dos perversos. Em outros termos, as neuroses poderiam ser compreendidas como “o negativo das perversões”.

E como entra a educação nesse debate?

Ora, para tantos educadores (não apenas da época de Freud, creio eu), todas essas manifestações infantis — que constituem, insisto, o *potencial* para a organização sexual do adulto — são consideradas “vícios”, que precisariam ser reprimidos com a mais absoluta firmeza.

---

11 FREUD, 1989b, p. 2. (Tradução minha.)

12 *Ibidem*, p.2.

Mas há, de fato, necessidade de tamanho rigor para que esse momento inaugural seja ultrapassado?

Freud indica que não; que barreiras se formam naturalmente na criança, que irá ultrapassar os componentes instintuais inatos de sua natureza, gradativamente. Durante o período de latência (total ou parcial), edificam-se “diques psíquicos”, que funcionarão mais tarde como obstáculos na via da pulsão sexual, a saber: nojo, pudor, aspirações ideais estéticas e morais. Diante da criança civilizada, insiste Freud, experimentamos a sensação de que a edificação desses diques é obra da educação, e é certo que esta muito contribuiu para isso. Mas, na verdade, tal evolução é organicamente determinada, hereditariamente fixada, e poderia se efetuar sem a menor intervenção da educação, que deveria se incumbir tão somente de seguir as linhas traçadas organicamente, imprimindo-lhes uma forma mais nítida e mais profunda.

### O INFANTIL, O FANTASMA E A PERVERSÃO — UMA VISÃO LACANIANA

Se focalizei até então a predisposição perverso-polimorfa da criança (o “mal” na infância), suas íntimas conexões com o Édipo, e a conseqüente interdição do gozo incestuoso, interessa-me ainda enfocar o *infantil*, mas agora já numa perspectiva lacaniana.

Como ponto de partida dessa nova abordagem, creio ser fundamental destacar o conceito de *criança* que se coloca em questão neste momento. Para tal, valho-me da contribuição de Nasio, que assim expressa sua leitura da teoria do sujeito, formulada por Lacan:

*Se retomarmos nossa terminologia ao falar da castração, se, em lugar de sujeito, dissermos a criança, se, em vez de cadeia, utilizarmos lei do pai, se, em vez de afirmar simplesmente gozo, acrescentarmos gozo da mãe, e, enfim, nos perguntarmos quem é esta criança magnífica de quem a psicanálise fala tanto para sustentar suas hipóteses, deveremos então responder que esta criança, este sujeito, portanto, é aquele que fala e pensa com palavras do pai atraídas pelo gozo da mãe. É a criança que não sabe aquilo que diz sem mesmo poder gozar. A criança magnífica da psicanálise, nós, os seres falantes, somos apenas seres de vento, mensageiros que se desvanecem entre o gozo que aspira as palavras e o nome do pai que as ordena.<sup>13</sup>*

---

13 NASIO, 1988. p. 89.

Explicita-se, pois, a concepção de criança sob a ótica da psicanálise: *criança = sujeito do inconsciente*.

Mas como caracterizar o *infantil*?

É meu intento situá-lo não exatamente no âmbito das formações do inconsciente (sonhos, sintomas, chistes, atos falhos), tampouco das produções imaginárias (fantasias — conscientes ou não). O que desejo é a abordagem de uma construção peculiar, denominada *fantasma*.

Compreendido como a maneira com que o sujeito lida com a falta no Outro, implicando-se com o objeto do desejo e, por conseguinte, com a própria falta, todas as suas definições incidem sobre sua característica mais marcante: a de encenar o Real. “Memória de um paraíso que jamais existiu”, simulacro de gozo, montagem fundamental, é por sua via que se faz possível tecer a trama da realidade e suportar o Real. Na perseguição de um gozo absoluto e diante do enigma do desejo do Outro, o sujeito adota um artifício peculiar: *coloca-se na posição de objeto do desejo do Outro*, enquanto o Outro desejante se reduz igualmente a objeto desejado. Fixando este sujeito numa ficção que troca continuamente de cenário — estratégias variadas diante do desejo do Outro —, o fantasma se apresenta sob a forma de uma série de construções, encoberto tantas vezes por fantasias, versões diferenciadas de uma mesma busca de gozo.

Matriz, escrita minimal responsável por cada um de nossos atos (ou o que de mais *infantil* há em nós), tal fantasma procura representar as condições de uma plenitude, ao mostrar — como simulacro, insisto — um gozo que não poderia se apresentar por outras vias que não as imaginárias.

Mas de que maneira relacionaríamos essa montagem fundamental à perversão?

Dois tipos de articulação se insinuam, y a meu ver.

Inicialmente, diria que, se graças a essa matriz fantasmática temos perpetuado o complexo de Édipo, e se este implica necessariamente um desejo incestuoso (e perverso), por meio do fantasma atualizaríamos incessantemente a perversão infantil.

Mas não é só. Conforme indica Lacan, “somente nossa fórmula do fantasma permite evidenciar que o sujeito aqui se faz instrumento do gozo do Outro”.<sup>14</sup> Não se daria o mesmo com o perverso?

Vejam os que nos diz a respeito Jacques-Alain Miller: “Se o perverso nada diz da antinomia entre desejo e gozo, é porque aceita o gozo do Outro. Aceita colocar-se como instrumento do gozo do Outro.”<sup>15</sup>

---

14 LACAN, 1966a. p. 823. (Tradução minha.)

15 MILLER, 1988. p.119.



Evidencia-se, dessa maneira, *o caráter estruturalmente perverso de todo fantasma*, mas é importante ressaltar que tal caráter não equivale à perversão. O que se pode afirmar é que todos nós, perversos ou não, apresentamos essa estrutura, já que sem fantasma, reitero, não se suporta o Real.

## O JOGO INFANTIL NA BASE DA ENCENAÇÃO FANTASMÁTICA E LITERÁRIA

Em “O criador literário e a fantasia”, Freud assinala que a atividade mais constante da criança e à qual ela se dedica com mais seriedade é o jogo, a brincadeira.

Mas as crianças brincam de quê, para quê?

Retomemos novamente Freud: “A brincadeira da criança é guiada por desejos, propriamente falando, pelo desejo (...) de ser grande e adulto. Ela brinca de ‘ser grande’.”<sup>16</sup>

Como já se viu, ela imita em suas brincadeiras o que aprendeu da vida dos mais velhos, encenando, por essa via, seus afetos mais íntimos, sua relação com o Outro, enfim.

E o fantasma? Não é também uma encenação — primitiva, básica — esse infantil que se atualiza em nós, matriz de todas as nossas produções?

Encenação infantil, encenação fantasmática. E no que concerne à literatura?

Talvez tenha sido Barthes quem melhor destacou seu caráter *dramático*, sobretudo na clássica *Aula*:

*Nela visó (...)* essencialmente o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro. (...) Porque ela encena a linguagem, em vez de, simplesmente, utilizá-la, a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita: através da escritura, o saber reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico, mas dramático.<sup>17</sup>

---

16 FREUD, 1985.b p. 37.

17 BARTHES, 1979. p. 17-19.

Barthes, a meu ver, retoma as colocações de Freud sobre a brincadeira (encenação) da criança, ao evidenciar o jogo da (na) literatura. Um jogo cujas raízes se encontrariam na infância:

*Não deveríamos procurar os primeiros traços da atividade literária já na criança? (...) Talvez estejamos autorizados a dizer: cada criança que brinca se comporta como um poeta, na medida em que cria um mundo próprio, ou, para falar mais exatamente, organiza os elementos de seu mundo segundo uma ordem nova, à sua maneira.<sup>18</sup>*

Literatura: jogo, encenação da linguagem, atualização de uma “brincadeira” antiga. Um teatro da (na) escrita, que se monta a partir de uma escrita minimal — a matriz fantasmática — que, por sua vez, já é uma encenação, a mais fundamental de todas, infantil, perversa.

E há momentos na história da literatura em que se explicita, ou melhor, se radicaliza essa perversão (ou esse *mal*) na escrita literária: a “criança” potencialmente perverso-polimorfa é “provocada”, “seduzida”, e se fixa, então, em práticas que visam a um gozo ilimitado.

Vejam algumas manifestações de tais excessos.

— Bataille e as “brincadeiras infantis”

*J'ai été élevé seul et, aussi loin que je me le rappelle, j'étais anxieux des choses sexuelles.*

Bataille

*O desejo de saber é o desejo de saber sobre o desejo.*

Lacan

Em *Histoire de l'œil*, de Georges Bataille, defrontamo-nos com uma sucessão infundável de jogos sexuais, nos quais se envolvem incansavelmente as jovens personagens, e é a partir dessas “brincadeiras” que se constrói, pouco a pouco, a trama da narrativa. Tais jogos (ou “relações de amor”), insistentemente detalhados, são marcados na maioria das vezes por uma profunda implicação de seus participantes: “Ainsi commencèrent entre nous des relations d'amour si étroites et si nécessaires que nous restons rarement une semaine sans nous voir.” (p.9)

---

18 FREUD, 1985. p.34-35.

O que se enfatiza é sempre o aspecto fascinante do jogo e a incontrolável necessidade de gozar nessas práticas perversas, que acabam por reproduzir, curiosamente, as mais variadas manifestações da sexualidade infantil, apontadas por Freud.

Seguem-se alguns exemplos de tais “divertimentos”:

- masturbação: “Je me frottais la verge en m’agitant sur le sol. Nous arrivâmes à la jouissance au même instant sans nous être touchés l’un l’autre” (p.8-9);
- voyeurismo: “Je n’avais pu encore la voir jusqu’au cul (...). J’imaginai seulement que, soulevant le tablier, je verrais nu son derrière” (p.7-11);
- exibicionismo: “Simone, éclatant de rire, à quatre pattes, en exposant le cul devant mon visage, je la troussai et me branlait, ivre de la voir nue devant la mère” (p.16);
- ato de urinar um diante do outro: “Tu peux faire pipi en l’air jusqu’au cul, demanda-t-elle? (p.11);
- erotismo oral: “Je suçais le sein de Simone (...). Elle me caressait la tête” (p.52);
- crueldade: “Tu sais que les pendus ou les garrottés bandent si fort, au moment de l’étranglement, qu’ils éjaculent. Tu seras donc martyrisé...” (p.94).

Quanto a esse ponto, é interessante destacar a informação de que Bataille escreveu *Histoire de l’œil*, na mesma época em que se submetia a um tratamento analítico.<sup>19</sup> Trata-se, quem sabe, da atualização de suas impressões infantis, no percurso de construção de seu fantasma. O próprio posfácio da obra (“Réminiscences”) nos aponta para fatos primitivos revividos em sua ficção de adulto.

Em se tratando de um texto literário, o mais importante, contudo, não é o *tipo* das práticas (ou “brincadeiras”) encontradas, tampouco seu significado mais profundo. O que deve ser ressaltado, diferentemente, é a *reinvenção* incessante desses jogos, ou seja, a insistência significativa de uma enumeração *multiforme* dos mesmos — e antigos — atos.

Mas não é só. Mais um ponto merece ser ressaltado, e o próprio título da narrativa (*Histoire de l’œil*) já o anuncia: a questão do (de) olhar. *Ser olhado* (de preferência pela mãe) constitui um estímulo irresistível, trampolim para novos jogos — ou “obsessões”, no dizer do narrador —, que tendem a aumentar freneticamente, assim como essa ânsia do olhar do Outro: “La vieille dame se rangea, nous regardant de ses yeux tristes, avec un air si désespéré, qu’il

---

19 Cf MILLOT, 1989. p. 63.

provoqua nos jeux” (p.11). O *infantil* (fantasmático) se manifestando, assim, insistentemente, acompanhado da reincidência das primeiras brincadeiras sexuais.

Tais práticas atordoantes e alucinadas culminam na revelação do desejo de uma absoluta ausência de barreiras ou limites:

*Le temps depuis lequel nous avons quitté le monde réel, composé de personnes habillées, était si loin qu'il semblait hors de portée. Cette hallucination personnelle se développait cette fois avec la même absence de borne que le cauchemar global de la société humaine, par exemple, avec terre, atmosphère et ciel (p.84).*

Ainda quanto a essa questão do olhar ou do olho, uma brincadeira significativa se efetua — “casser un œil, crever un œuf” — fazendo confundir, nas práticas repetidas, olho e ovo.

E novos jogos descontrolados com ovos se realizam, caracterizadas pelo erotismo anal, até um ponto extremo, marcado pela irrupção do Real:

*Il faut le dire: rien de ce genre n'eut lieu depuis lors entre nous (...); nous avons cessé de parler des œufs. Si nous en apercevions nous pouvions nous voir sans rougir; avec une interrogation trouble des yeux. La fin du récit montrera que cette interrogation ne devait pas rester sans réponse, et que la réponse mesure le vide ouvert en nous par nos amusements avec les œufs (p.53).*

Vazio esse que é de fato ressaltado no final: “l'angoisse que m'inspire continuellement la nécessité de mes actes” (p.60). Uma falta insuportável que faz com o narrador veja na vulva de Simone o olho da amiga Marcelle (ou da mãe?) morta.

E essa insuportabilidade diante da castração — do Real — acaba por provocar mais e mais jogos, no desejo de reeditar incansavelmente um gozo primeiro perdido.

#### — Lautréamont e os animais

*Voilà que les animaux de la terre se réunissent aux hommes, font entendre leurs bizarres clameurs.*

(...)

*Alors, les chiens, rendus furieux, brisent leurs chaînes, s'échappent des fermes lointaines (...) et se mettent à aboyer, tour à tour, soit comme un enfant*

*qui crie de faim, soit comme un chat blessé (...). Moi, comme les chiens, j'éprouve le besoin de l'infini.*

Lautréamont

*Os animais devem uma boa parte da importância que gozam no mito e na lenda à sua maneira aberta de mostrar as próprias funções sexuais à criança humana.*

Freud

Segundo Bachelard, encontramos em *Les chants de Maldoror* um “complexo energético” — o *complexo da vida animal*, ou, em outros termos, a “energia da agressão”: “Lautréamont escreveu uma fábula inumana revivendo os impulsos brutais, tão fortes ainda nos corações dos homens”.<sup>20</sup> Nas 247 páginas dos *Cantos* aparecem nada menos que 185 nomes de animais diferentes, em 435 referências à vida animal: “O homem aparece então como uma soma de possibilidades vitais, como um *superanimal*; ele tem toda a animalidade à sua disposição (...). Ao homem o triste privilégio de totalizar o mal, de inventar o mal.”<sup>21</sup>

Talvez pudéssemos propor uma pequena retificação no enunciado de Bachelard e afirmar que o homem adulto não “inventaria” propriamente o mal, com a contribuição dos animais, mas o *reinventaria*, atualizando sua perversão infantil e sua antiga atração pelo mundo animal. Reinvenção essa que se apresentaria através de uma constante encenação — ou re-encenação — de afetos primitivos. Mas é Bachelard quem frisa ainda: em Lautréamont não é a forma do animal que interessa, e sim a sua função. Não constituiria esta, repito, justamente a atualização de um estado primordial — “brutal” — *infantil*? Não seria isso o que propõe o crítico ao sublinhar que o relevante é a “ação vital” dos diversos animais, a “dinâmica” dessa produção? Ou o “pluralismo” da crueldade?

Não se efetivaria essa dinâmica sobretudo através de uma repetição? Repetição multiforme, sem dúvida: afinal, são 185 nomes diferentes de animais, em 435 referências à vida animal. Insistência significativa que produz, além do fracasso reiterado em abordar o gozo, uma incessante demanda: re-petição.

O próprio Bachelard, ao falar da garra e da ventosa, tão comuns no texto ducassiano, explicita a insistência dessa última: “À primeira vista, é a garra que domina; ela é em alguma medida mais rápida, mais claramente imediata

20 BACHELARD, 1939. p. 11. (Tradução minha.)

21 *Ibidem*, p. 24.

que a ventosa; mas a ventosa propicia gozos mais prolongados...”<sup>22</sup>

Um desejo infantil, recalcado, não cessa de se manifestar: “Sachez que dans mon cauchemar... chaque animal impur qui dresse sa griffe sanglante eh bien c’est ma volonté” (p.13).

Aliás, é uma constante em *Les chants de Maldoror* a referência à infância e ao Outro materno:

*Moi, je fais servir mon génie à peindre les délices de la cruauté! (...) J’ai vu les hommes, à la tête laide et aux yeux terribles enfoncés dans l’orbite obscur, surpasser la dureté du roc, la rigidité de l’acier fondu, la cruauté du requin, l’insolence de la jeunesse (...); laisser les moralistes à découvrir leur cœur, et faire retomber sur eux la colère implacable d’en haut. Je les ai vu tous à la fois, tantôt, le poing le plus robuste dirigé vers le ciel, comme celui d’un enfant déjà pervers contre sa mère, probablement excité par quelque esprit de l’enfer (p.15-16).*

Através de uma reinvenção constante, os *Cantos* reeditam essa criança “já perversa” e seus “afetos infernais”, atualizados incansavelmente na cena da escrita. Dirigindo-se ao Outro (o criador), a criatura reitera seu desejo, justificando sua insaciável demanda: “Il me craint et je le crains” (p.216).

### — O fantasma sadiano

*Até onde Sade nos leva na experiência deste gozo, ou somente de sua verdade*

Lacan

Como indica J.A. Miller, “a obra de Sade está baseada no que poderíamos chamar de monotonia do instante fantasmático”.<sup>23</sup> O *mesmo* fantasma — há uma estática do fantasma, lembra Lacan — nas suas mais *diversas* apresentações.

Em *Les infortunes de la vertu*, por exemplo, deparamos com uma enumeração exaustiva das desventuras de Justine, jovem órfã abandonada e desprotegida, que se vê às voltas com os mais terríveis carrascos. Apresentando-se na narrativa como uma personagem terna, sensível, ingênua, cândida, delicada e tímida, a “triste e miserável” heroína é vítima constante de crueldades repeti-

22 BACHELARD, 1939. p. 33.

23 MILLER, 1988. p. 169.

das. Rejeitada, humilhada, torturada, violentada, ela sente sempre a “mão do infortúnio” sobre sua cabeça, e acaba por se lançar na perseguição incansável de um gozo ilimitado.<sup>24</sup>

A propósito dessa insistência é ainda Lacan quem esclarece:

*Única (Justine) ou múltipla, a vítima tem a monotonia da relação do Sujeito ao significante, no qual (...) ela consiste. Por ser o objeto a do fantasma, se situando no real, a trupe dos torturadores (...) pode ter maior variedade.<sup>25</sup> O sádico ocupa ele mesmo o lugar de objeto, mas sem sabê-lo, em benefício de um outro, pelo gozo do qual ele exerce sua ação de perverso sádico.<sup>26</sup>*

Ou, retomando Miller, nas produções de Sade é notável o trabalho extraordinário que os verdugos geralmente têm: “Trabalham cento e vinte dias para o mesmo fim. Os outros, por seu lado, recebem. É verdade que recebem pancadas, mas recebem”.<sup>27</sup>

Num texto repleto de perversões, vê-se claramente representado o tema do fantasma:  $\$ \Leftrightarrow a$ . É bom ressaltar, contudo, o que já se disse quanto à obra de Bataille e Lautréamont. Por tratar-se de uma realização literária, o mais importante não é de fato o mesmo fantasma repetido sem cessar, mas precisamente o ato dessa repetição. O processo (as performances do discurso) desse *jogo infantil perverso* — cenários distintos de uma idêntica busca de gozo.

O que se destacaria, assim, não é o “sadismo em si”. Como propõe Barthes, “o sadismo é apenas o conteúdo grosseiro do texto sadiano”.<sup>28</sup>

## O INFANTIL — E O MAL — NA LITERATURA

Na perspectiva de Lacan, a obra de Sade ilustra, como se viu, o fantasma fundamental, apresentando-se, sob essa ótica, essencialmente “infantil”.

Mas poderíamos encontrar essas construções fantasmáticas — o sujeito na posição de objeto — apenas nesse tipo de texto destacado?

Minha proposição final pretende ampliar ainda mais a discussão.

---

24 Neste ponto, lembremos Freud e seu clássico ensaio “Un enfant est battu”, texto fundamental para a compreensão do fantasma. (FREUD, 1988.)

25 LACAN, 1966b. p. 775. (Tradução minha.)

26 LACAN, 1973. p. 169. (Tradução minha.)

27 MILLER, 1988. p. 119.

28 BARTHES, 1979. p. 165. (Tradução minha.)

Se o fantasma (sempre estruturalmente perverso, repito) se relaciona com o infantil, ao revelar a verdade da criança (sujeito), a sua construção mais íntima, e se ele constitui a matriz de todos os nossos atos, estaria tal montagem, igualmente, no princípio da criação artística e, por conseguinte, literária.

Em toda literatura, mesmo na considerada mais “inocente”, haveria, portanto, esse infantil perverso: a criança escrevendo no adulto e, na base dessa escrita, uma outra escrita, minimal, fantasmática.<sup>29</sup>

Quem sabe desse ponto de vista possamos compreender a afirmação de Bataille de que “a literatura é a expressão do mal”. Qualquer literatura, insisto. Ou mais radicalmente: “A literatura é a infância enfim reencontrada”.<sup>30</sup>

A infância com sua sexualidade peculiar, potencialmente perversa, sendo responsável, assim, pelas mais sublimes realizações humanas.

É essa idéia que nos propõe Freud em “As metamorfoses da puberdade”: “As manifestações da sexualidade não determinam apenas os desvios da vida sexual normal”.<sup>31</sup> Podemos ir além e redimensionar esse “mal”, causa, ainda hoje, de tantos escândalos e tantas condenações: “A predisposição sexual geralmente perversa da infância pode ser considerada [também] como a fonte de um certo número de nossas virtudes”.<sup>32</sup>

**RÉSUMÉ:** En partant d’une interlocution avec la Psychanalyse, cet essai cherche à réfléchir sur la question du mal dans la Littérature, plus exactement, sur ses manifestations dans des textes de Bataille, Lautréamont et Sade, en essayant de comprendre ce “mal” comme l’actualisation de *l’infantile* dans la scène de l’écriture.

29 O aprofundamento desse tópico é tema de minha tese de Doutorado — *O infantil na literatura; uma questão de estilo* —, defendida em abril de 1995 na Faculdade de Letras da UFMG.

30 BATAILLE, 1989. p.9-10.

31 FREUD, 1987a. p. 151. (Tradução minha.)

32 *Ibidem*, p. 190.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. *Lautréamont*. Paris: L. José Corti, 1939.
- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1979.
- BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Paris: Seuil, 1971.
- BATAILLE, Georges. *Histoire de l'œil*. Paris: Pauvert, 1979.
- BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Trad. Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1989.
- FREUD, Sigmund. *Cinq psychanalyses*. Trad. Marie Bonaparte. 15.ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1989a. p. 93-198: Analyse d'une phobie chez un enfant de 5 ans (Le petit Hans).
- FREUD, Sigmund. *Cinq psychanalyses*. Trad. Marie Bonaparte. 15.ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1989b. p. 1-91: Fragment d'une analyse d'hystérie (Dora).
- FREUD, Sigmund. *L'inquiétante étrangeté; et autres essais*. Trad. Bertrand Féron. Paris: Gallimard, 1985b. p. 29-46: Le créateur littéraire et la fantaisie.
- FREUD, Sigmund. *L'interprétation des rêves*. Trad. I. Meyerson. 8.ed. rev. aum. Paris: Presses Universitaires de France, 1987b.
- FREUD, Sigmund. *Névrose, psychose et perversion*. Trad. Jean Laplanche. 6.ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1988. p. 219-243: Un enfant est battu.
- FREUD, Sigmund. *Trois essais sur la théorie sexuelle*. Trad. Philippe Koeppel. 6.ed. Paris: Gallimard, 1987a.
- FREUD, Sigmund. *La vie sexuelle*. 7.ed. Trad. J. B. Pontalis. 7.ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1985a. p. 7-13: Les explications données aux enfants.
- FREUD, Sigmund. *La vie sexuelle*. Trad. J. B. Pontalis. 7.ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1985c. p. 14-27: Les théories sexuelles infantiles.
- LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966b. p. 765-790: Kant avec Sade.
- LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966a. p. 793-827: Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien.
- LACAN, Jacques. *Le séminaire; livre XI - les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1973.
- LAUTRÉAMONT. *Les chants de Maldoror*. Paris: Jena-Claude Lattès, 1987.
- MILLER, Jacques-Alain. *Percurso de Lacan; uma introdução*. Trad. Ari Roitman. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- MILLOT, Catherine. *Nobodaddy; a histeria no século*. Trad. Leila Longo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- NASIO, Juan David. *A criança magnífica da psicanálise; o conceito de sujeito e objeto na teoria de Jacques Lacan*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- PERES, Ana Maria Clark. *O infantil na literatura; uma questão de estilo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. (Tese, Doutorado em Literatura Comparada.)

- POMMIER, Gérard. *O desenlace de uma análise*. Trad. Cristina Rollo de Abreu. Rio de Janeiro: Forense, 1973.
- ROSENFELD, Anatol, Guinsburg, J. Romantismo e classicismo. In: GUINSBURG, J. (Org.). *O romantismo*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- SADE. *Œuvres complètes du Marquis de Sade*. Paris: Pauvert, 1967. p. 239-385: Les infortunes de la vertu.
- VALAS, Patrick. *Freud e a perversão*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.